2.ª SERE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 47. QUINTA FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

PAUTAS.

III

A Reforma e o Imposto.

462 A projectada reforma das pautas difficilmente póde ser considerada, em relação ás finanças, sem que nesta consideração se involva a sua influencia directa no systema do imposto.

As reflexões, que, sobre o assumpto, fizemos em o nosso numero anterior, não podem ser perfeitamente comprehendidas sem que o nosso estudo alcance a comparação do imposto com a reforma.

É o que hoje faremos.

Advertindo que tudo quanto avançamos neste artigo, é com referencia á hypothese — de que a reforma se realisa na proxima sessão legislativa.

A base da nossa opinião é, que a reforma não está estudada, e que, sem estudo prévio, nenhuma influencia benefica devemos esperar della, em relação ás fabricas, ás finanças, e ao imposto.

Pelo que diz respeito ás fabricas, formulámos os pontos que previamente se devem resolver, e julgámos até perigoso, que antes de os examinar se désse um passo no caminho da reforma annunciada.

Quanto ás finanças e ao imposto, as cifras são as chagas da paixão dolorosa que o paiz padece ha muito.

O artigo antecedente e o que ora escrevemos, podiam ser como um sudario em que se houvessem gravado taes cifras; mas reservamos o facto para outra occasião, porque muita gente foge, com os olhos, dos algarismos, e nós queremos que as verdades, que não receiamos comprovar com elles, sejam vistas por todos.

O imposto é a vida do Estado. O preço da civilisação cota-se nas tabellas das contribuições: ora a civilisação é o valor mais caro do mundo, o mais precioso, e o que se troca por maiores sommas de valores.

Determinada a despeza, em relação ás necessidades moraes e physicas da civilisação, e ás forças contribuintes do paiz, está fixada a somma do imposto. O simples enunciado destes factos involve questões da maior magnitude. As suas mais claras consequencias são:

Que a somma das contribuições não podem ser fixas:

Que a nação deve ser legitimamente representada na determinação de tal somma:

Que esta deve ser distribuida pelos contribuintes com egualdade proporcional aos seus haveres:

Que se deve estudar previamente a relação que tem de existir entre o meio directo e indirecto, porque a contribuição tem de se receber. Nesta consequencia está a questão de que tractamos.

¿ Tem a projectada reforma, como fim, o resolver a questão das contribuições directas?

Não tem, nem póde ter: — e por consequencia é tambem extemporanea em relação ao imposto. Mas não queremos parar aqui. Diremos ainda alguma coisa sobre esta incontestavel impossibilidade.

A nossa despesa não é ainda um facto racional, uma deducção rigorosa do estado das verdadeiras necessidades sociaes da nação. Admittindo que o seja, ainda resta definir o nosso systema

tributario, organisal-o fóra da base injusta, e improductiva em que assenta. Depois é mister regular o meio legal de distribuir a contribuição e de facilitar e tornar real a receita. Antes de abrir a discussão da pauta, é mister abrir a discussão sobre a natureza desse imposto e ácerca do systema que o deve representar. Sobre este ponto, não temos nada feito, e sem esta base é impossivel que a reforma, em relação ao imposto, satisfaça as exigencias da nossa situação economica.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

MINAS.

463 Todos os ramos de trabalho são bons quando delles se tira lucro, e não se tiram somente sacrificios. A lavra das minas em Portugal, em tempos anteriores, podia ser remunerativa, por se não poderem obter os mesmos mineraes por menos dinheiro no estrangeiro. Hoje porém a exploração de minas, carece, para nella se poder progredir sem perda, que haja abundancia de capitaes, de sciencia, de combustivel e de communicações. Estes indispensaveis quisitos não se supprem com estimulos ficticios, os quaes só chegam para anniquillar cabedaes que se vão distrahir d'outros ramos de industria que é reproductiva. Tem-se enterrado debaixo da terra em levianas especulações, desde 1836, talvez o melhor de 200 contos, tirados á agricultura, tirados ao commercio, e talvez ás manufacturas, sem que desses 200 contos resultasse rendimento algum, salvo em uma mina de galena em Aveiro. São 25 as minas concedidas desde 1836, e se os fundos que nellas tem sido sumidos tivessem sido empregados á superficie da terra, podiam seus proprietarios achar-se em via de formarem 25 bellas granjas no paiz. Não é por certo das intenções do Governo concorrer para que se coarcte a liberdade a ninguem nas suas acções. Firme neste principio, parece comtudo conveniente que elle, algumas vezes, esclareça e encaminhe, dentro de razoaveis limites, os cidadãos no exercicio dos seus direitos. O caso presente é um delles. A nossa mineração, em quanto não tivermos uma Geologia de Portugal, e uma escóla de minas, não é possivel que póssa luctar com as outras nações onde o empirismo já não merece credito algum. A boa vontade existe sem duvida, em Portugal, para qne a metalurgia prospere entre nós, assim como prospera nas mais nações, mas todos os nossos ensaios tem sido bem tristes e estereis, para o alcance dos nossos desejos. O mappa que se segue, serve de prova excessiva a esta asserção.

NOTA AO PRESENTE ARTIGO.

Este trabalho é feito sobre o Relatorio do Reino de 30 de Março de 1849. Se ha mais minas, que hão de haver (de carvão) tem de se ajuntar ao mappa que acompanha este artigo.

Mappa das minas concedidas desde 1836.

Provincias	*Districtos*	*Estanho*	*Antimonio*	*Ferro*	*Ouro*	*Galena*	*Cobre*	*Chumbo*	*Azougue*	*Asfalto*	*Total*
Minho	Porto	1	1						1		4
Traz-os-Montes	Braga	1	1	1	1	1		1			5
Beira	Aveiro					1	1				2
	Coimbra							2			2
	Cast.º Branc.º				2			1		2	4
	Leiria							1		1	1
Estremadura	Lisboa								2		2
	Santarem									1	1
Alemtéjo	Evora							1			1
	Béja			1				1			2
Algarve	Faro			1					3	3	25
Reino		2	2	3	3	2	1	6			

Data da concessão.

1836	1
1839	3
1842	1
1843	4
Somma	5

Transporte...	5
1844.....	6
1845.....	4
1846.....	1
1847.....	4
1848.....	1
13 annos	25

Seu estado de exploração.

1 de chumbo em activo trabalho:
7 em abandono:
4 cujos trabalhos estão parados:
7 nada feito:
1 em pesquizas
2 trabalhos interrompidos
1 esteril
2 em requerimentos á auctoridade

25

CLAUDIO ADRIANO DA COSTA.

DAGUERREOTYPOS ASTRONOMICOS.

464 Os professores do observatorio de Cambridge, nos Estados-Unidos, dotados desse espirito pratico que move o povo americano a pesquizar novas e uteis applicações dos descubrimentos, emprehenderam ultimamente uma serie de experiencias photographicas de grande importancia; tracta-se de nada menos que daguerreotypar os astros.

Mr. Humphrey, um dos professores do mencionado estabelecimento, apresentou, n'uma das sessões do mez de junho, cinco imagens da superficie da lua, que havia tirado em Canandaigua, estado de Nova-York.

A operação que produziu a primeira, durou dois minutos, tempo demasiadamente largo, durante o qual a posição da terra em relação á lua, tinha variado tanto que esta ultima ficou retratada de fórma oval. A segunda lamina não havia recebido os raios do sol senão por espaço de um minuto, e apesar disso ainda o astro ficára representado de figura oval, ao passo que a sua imagem na terceira lamina, que fôra exposta por trinta segundos, era já muito menos elliptica.

As configurações que apresenta a superficie da lua estavam confusas em todas as chapas: porém, na quarta, que só estivera exposta tres segundos, essas configurações mostravam-se com perfeita clareza: a fórma da lua era redonda, sendo tal a sua superficie que vista com o microscopio, achava-se de todo conforme á superficie verdadeira da lua, observada com o telescopio.

Todas aquellas imagens foram tiradas antes que a lua estivesse cheia, e provam que a luz deste astro, obra inteiramente pelos mesmos principios chimicos que a do sol,

Mais recente chegou a obter-se a imagem da estrella Alpha, pertencente á constellação Lyra, ficando um signal pouco mais ou menos do tamanho da cabeça de um alfinete. A correspondencia que especifica e assegura esse resultado, faz uma observação tão exacta como judiciosa, e é que a luz da estrella daguerreotypada, empregando 20 annos em atravessar o espaço que a separa da terra, resulta que o raio de luz que chegára a fixar-se na lamina, devêra ter sahido da esphera celeste muito tempo antes que Mr. Daguerre tivesse descoberto o seu precioso invento.

Os dois obstaculos que encontra até agora a delicada operação emprehendida em Cambridge são, por uma parte, a variação da refracção atmospherica, e por outra a falta de regularidade perfeita no movimento do telescopio. Pensa-se em remediar o primeiro inconveniente augmentando a *sensibilidade* da lamina, e fazer desapparecer o segundo, adaptando ao telescopio um maquinismo que lhe imprima um movimento strictamente syderal. Espera-se por estes meios obter resultados de grande valia para a sciencia.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXIV.

Conselho nocturno.

(Continuado de pag. 530.)

465 O Infante, aconselhado pelo seu Mordomo-mór, interveio na altercação calorosa, que se ía levantando, para lhe pôr termo antes que désse de si alguma desagradavel consequencia.

— «Tenho em muito os conselhos, e rectas opiniões do marquez de Cascaes — acudiu Sua Alteza; — mas parece-me que se não tracta agora aqui de avaliar a condncta politica de Castello-Melhor...

— «Não parece — murmurou o Marquez.

— «Não se tracta por agora, repito, de avaliar os actos politicos do valido, mas sim as injustiças, as violencias de que, por culpa delle, eu e vós todos, temos sido victimas. Do que vos tenho ouvido, senhores, concluo que o melhor é, em vez de darmos immediatamente principio a uma lucta em que poderiamos não levar a melhor, chamarmos pouco a pouco a nós a nobreza e o povo. Para resistirmos á perseguição que o valido presentemente nos faz, basta-nos vigilancia e coragem: para o derrubarmos do poder, necessitamos força e prudencia.

Quando o Infante acabou de fallar, um dos porteiros levantando o reposteiro branco que fechava a porta da sala, annunciou:

— «S. Ex.ª o senhor marquez de Marialva.

— «Que entre — disse D. Pedro.

A figura magestosa e bem talhada do marquez de Marialva appareceu então á entrada da

sala. Depois de fazer uma mesura cortesã, o nobre fidalgo atravessou a casa, ajoelhou aos pés de Sua Alteza, beijou-lhe a mão, e apresentando-lhe uma carta fechada com um fio verde:

— « De Sua Magestade El-Rei — disse.

O Infante abriu a carta immediatamente, e depois de a lêr:

— « El-Rei, meu irmão — disse — ordena-me, que nomêe gentis-homens para a minha casa. Foram attendidas as minhas razões; e é-me dado emfim ter uma casa de principe. Desejára, senhores, nomear-vos a todos para a minha casa; porém, como me não é dado fazel-o, escolherei dentre vós, não os que mais estimo, porque a todos vos estimo egualmente, mas os que ha mais tempo me servem. Conde da Torre — proseguiu elle — quereis ser gentil-homem da minha casa?

— « Grande mercê me fará Vossa Alteza em me nomear — respondeu o Conde da Torre, saudando.

— « E vós, Conde de S. João?

— « Senhor, eu estou ás ordens de Vossa Alteza.

— « Conde de Villar-Maior, desejaes entrar ao meu serviço?

— « É uma honra que todos os fidalgos ambicionam.

— « Falta só prehencher um lugar, offereço-vol-o Conde de Aveiro.

— « Beijo as mãos de Vossa Alteza por tão grande favor.

E os quatro Condes, foram beijar a mão de seu illustre amo.

Meia hora depois o Marquez de Marialva saía do Côrte-Real com uma carta, em que Sua Alteza agradecia, a seu augusto irmão, a mercê que lhe fizera, em lhe conceder gentis-homens para a sua casa, e participando-lhe quaes eram os fidalgos que escolhêra para esses lugares.

— « É este o meu primeiro passo, senhores, no caminho que me indicastes, como o melhor para salvar o estado dos perigos que o ameaçam — disse o Infante, logo que o enviado d'El-Rei saíu da sala. — Terei d'ora ávante junto de mim, cinco dos mais prudentes, dos melhores fidalgos de Portugal; e em breve, se Deus me ajudar, virá juntar-se a elles toda a nobreza, todo o povo; a nação inteira.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

EU E TU.

Ao meu amigo J. J. T.

466 Tu soffres, pobre mancebo,
E doe-me do teu soffrer!
Porém da taça que eu bebo
Oh! não queiras tu beber!
Não queiras; vês-me sereno,
Pois esgotei o veneno,
Do mais atroz padecer!
Vivi de tristes lembranças
De dezejos e d'esp'ranças,
Que ninguem soube intender!

Eu e tu — ambos soffremos
A sina que Deus nos deu.
Nós ambos nos comprehendemos
Mas o futuro é só teu!
Tu inda tens fé na vida,
Eu.... tenho a esp'rança perdida
O desespero é só meu!
É só meu!.. soffrer qu'importa?...
Tenha embora a esp'rança morta
Mas, amor, não quero eu?

Não quero; que me enganaram
Os sonhos que já sonhei!
Não quero; por que zombaram,
Das penas que já penei!
No triste olhar que *ella* tinha
Foi-se toda a crença minha
Ai cégo! que me enganei!
Triste esp'rança derradeira
Fallavas de vida inteira,
E eu sem vida me achei!

Aquella mulher mentia
N'um melancholico olhar!
Ai cuidei que ella sentia
As magoas do meu penar!
Que lhe doía o tormento
Que me abraza o pensamento;
Tive fé?.... quiz esperar!
Bastou um dia! — uma hora,
Achei-me só — como agora....
E agora não quero amar!

Aqui tens: sou condemnado
A ninguem me ter amor!
E tu não; cumpres teu fado
Tens esp'ranças para a dor. —
Sei quanto soffres, mancebo,
Porém da taça que eu bebo,
Não vás tocar o licor.
Se tocas, perdes teu norte,
Sentirás a mão da sorte,
Desfolhar-te a crença em flor!

Eu vivo — só — sem parentes,
Os meus segredos são teus!
Passo na terra — entre as gentes,
Como maldito por Deus!
Bem sabes que vida tenho,

Solitaria — como o lenho,
Que joga sobre escarceus!
— Só — entregue á desventura,
Á solidão — á tristeza,
Que os pesares são só meus!

Mancebo, vês, que de penas
Que tenho no coração!
As tuas não são pequenas,
Mas falta-te a solidão!
Falta-te o descrer de tudo,
Ir affrontar sem escudo
O quebrar d'uma illusão!
Vêr um olhar — meigo e triste —
Como aquelle que tu viste
Trazer-me a condemnação!

Deus te alimente essa vida
Que a minha soube intender!
Sinto a crença amortecida
Pouco me importa o viver!
Já tenho tempo marcado,
Se já não fôr a teu lado,
Nem assim te hasde esquecer:
Sou teu irmão, teu amigo,
Tenho chorado comtigo,
Tambem te sei comprehender....

Não contes os meus pezares
Por que os teus não contarei.
Nem digas quaes os olhares
Por quem perdido fiquei.
Com oiro compram-se amores,
Carinhos, mimos, ardores,
E as mil paixões que sonhei!
Com oiro tudo!.... sem elle
Um falso olhar como aquelle
Em que tanto amor cuidei!

Oiro.... deshonra, villeza,
A quem amores comprar! —
Prostituir á riqueza
O que Deus, só deu, p'ra dar!....
D'esses amores comprados
D'esses gozos obrigados,
D'esses — não quero eu gozar!
Atravez dos meus tormentos,
Tenho ainda sentimentos,
Que só Deus póde apagar!

Brilhou-me ainda uma esp'rança
Senti a vida — e vivi!....
Foi passageira mudança
Por que de novo a perdi!
Tu soffres muito, mancebo,
Porém da taça que eu bebo
Nunca Deus te dê a ti!
Bebi nella — os seus olhares,
Bebi nella os meus pezares,
Os desenganos bebi!....

F. GOMES DE AMORIM.

ARCHEOLOGIA POLITICA.

Copia de uma carta do Marquez de Pombal Sebastião José de Carvalho e Mello, para Francisco d'Almada e Mendonça, Ministro de S. M. F. em Roma.

467 Illmo Sr. — Meu primo do meu coração. Não obstantes os larguissimos despachos, com que o portador desta vae necessariamente incommodar a V. Illma não devo, nem posso comtudo deixar de acrescentar esta carta familiar e secretissima, para nella participar a V. Illma algumas ordens e providencias que El-Rei Nosso Senhor não achou tão proprio que fossem escriptas em cartas de officio.

Nellas se tem participado a V. Illma tudo o que na verdade se passou até agora sobre os prevertidos e malvados religiosos Jesuitas.

Os officios que V. Illma deve passar ao Papa, e ao seu ministerio sendo vistos no fôro da rasão, verdade e justiça, não pódem ter da parte do Pae commum dos Fieis e do summo Sacerdote, cabeça da Igreja, alguma resposta que não seja concebida nos termos de mostrar S. Santidade a dôr mais penetrante de que contra El-Rei Nosso Senhor se commettesse um tão sacrilego attentado; e de fazer vêr destes effeitos a mais paternal, e a mais decisiva resolução de cooperar em causa commum com Sua Magestade para o castigo e para a extincção de um tão horrivel insulto. Isto é o que deseja o mesmo Senhor: Isto é o que espera; Isto é o que V. Illma deve lembrar e promover: E isto é o que o Santo Padre e o seu ministerio, não pódem recusar sem aggravarem a Sua Magestade intoleravelmente, e sem darem um escandalo geral a toda a Europa.

Observando-se porém a parcialidade que o mesmo Papa, e o seu ministerio tem manifestado a favor dos ditos Jesuitas, é muito natural, que se intentem fazer desentendidos do que devem; fugindo do ponto da verdade, para a affectação de queixas de immunidade violada nos mesmos Jesuitas.

Se assim succeder, deve V. Illma insistir no discurso acima indicado, fasendo vêr o que o Papa e o seu ministerio devem fazer para cumprirem com Sua Magestade e com todo o mundo christão e imparcial: e respondendo-lhes que vendo a insistencia que se lhe faz sobre a tal immunidade, se acha obrigado a pedir que se faça toda a necessaria reflexão em que esta Côrte se não acha na falta de instrucção que houve nos seculos da ignorancia: em que pelo contrario ha nella muitos ministros doutos que sabem perfeitissimamente separar a suprema jurisdicção ecclesiastica da suprema jurisdicção secular: em que nem Sua Magestade nem os seus vassallos virão nunca em que a auctoridade regia, e o socego publico, fiquem precarios, e expostos a similhantes perigos, contra todos os principios de direito natural e divino: voltando-se contra os Soberanos para ruina dos seus Estados a mesma immunidade por elles concedida para decoro, e ornamento da egreja: E em que finalmente se deve considerar que nem depois de similhantes successos pódem accommodar-se o mesmo Rei e seus vassallos, com a companhia de tão perniciosos, e perigosos regulares; nem a insistencia da curia de Roma poderá em tão indispensaveis termos ser de outra con-

sequencia, que não seja a de justificar Sua Magestade aos olhos do mundo, e o de fazer vêr com a sua summa veneração á Sede Apostolica a extrema necessidade em que foi constituido pelo ministerio Pontificio de fazer uso do poder que Deus poz nas suas reaes mãos para sustentar a sua Real Pessoa, e o socego publico dos seus reinos.

Para este caso se acha já escripta uma concludentissima Deducção, em que se manifesta, que nem a immunidade é nem póde ser de direito divino: nem teve outro principio que não fosse o das concessões obsequiosas dos principes seculares em justa attenção da egreja nos casos que assim o permittiam: nem hoje se póde dizer outra coisa na presença dos que sabem ler e escrever: nem podia nunca haver immunidade para assassinar reis, e arruinar reinos.

Isto porém se deve reservar para o ultimo logar, depois de se haver esgotado toda a medicina por ganhar essa Côrte, ou antes o seu Ministerio: sendo certo que em taes circumstancias é necessario precisamente ou ganha-lo para fazer justiça; ou perde-lo desmascarando-o se é irreconciliavel inimigo de Sua Magestade, porque nesses termos offenderá mais encoberto, e menos declarado.

Devendo preferir-se o primeiro objecto de ganhar o dito Ministerio; é certo que para este fim só póde haver dois meios, os quaes são: 1.º fazer-se V. Ill.ma desentendido de todas quantas sem razões se tem ahi accummullado, e principiar como de novo com os despachos que agora receber, os quaes vão formulados neste mesmo sentido: 2.º combater V. Ill.ma os subornos que tem feito os Padres Jesuitas, observando quaes são os Cardeaes e pessoas de maior importancia para este negocio, e comprando-as por todos os modos que lhe forem possiveis, sem com tudo se arriscar com elles a que o sacrifiquem, por que em fim é muito melhor e muito mais barato fazer aos inimigos a guerra com dinheiro, do que com exercitos armados.

Os Cardeaes, Secretarios de Estado, e Thesoureiro, são os primeiros que me parece que seriam uteis na devoção de Sua Magestade. Porém nada se póde dizer seguro de tão longe. E V. Ill.ma se encaminhará por onde a sua experiencia e conhecimento pratico lhe suggerirem que póde ser mais util, e menos arriscado.

Aqui se acham mais de cem mil cruzados empregados em prata nobremente lavrada em Paris; em porcellana de Saxonia, etc. Duvido, porém, o modo, com que se possa fazer a passagem destas peças de Lisboa a Roma, sem que se perceba quem as manda, e sem que se saiba ahi quem as recebe.

Sempre com tudo irei mandando algumas commissões para Genova, debaixo do nome de um mercador a outro da sua confiança, dizendo-lhe, que indo de França para aquelle porto de Genova, vieram a este arribados: e que os guarde até segundo aviso seu. O que assim disposto, mandarei depois os avisos do mesmo mercador levando em branco os nomes das pessoas, a cuja ordem se deverão entregar as encommendas, para que pareça que são suas, e não mandadas de presente.

Tambem poderei, com aviso de V. Ill.ma, mandar-lhe algumas porções de diamantes brutos, para os mandar lapidar quem ahi os receber, mandando-me V. Ill.ma dizer se hão de servir para cruzes, peitoraes, anneis, ou para outras obras. Por agora lhe remetto quatro anneis capazes de se poderem offerecer para ganhar, ou principiar a fazer a Boca doce a alguns bons amigos. São estes das maiores e melhores pedras, que se acharam nas partidas, que vieram no anno passado, e todos foram lapidados nesta Côrte.

É porém obra, que leva muito tempo, e o melhor é da-los brutos, como amostras dos fructos que produzem as terras do Brazil da devoção destes Jesuitas. Devo dizer a V. Ill.ma, para sua cautella necessaria, que as cartas que escreve pelos correios, são abertas em Paris primeiro, e depois em Madrid. Para que V. Ill.ma nesta certeza use sempre da precisa circumspecção de não nomear pelos seus proprios nomes nenhum Cardeal, nem pessoa que lhe confiar algum segredo: bastando que V. Ill.ma diga — que o sabe de boa parte, ou de pessoa certa e authorisada; — quando tiver certeza do que avizar.

A mesma cautella deve V. Ill.ma observar inviolavelmente a respeito das pessoas, que ganhar com os presentes acima referidos; de sorte que nunca se penetre quaes são os seus amigos, que metter nos interesses de Sua Magestade.

A importancia dos negocios que V. Ill.ma trata presentemente, não poderá nem deverá admittir as demoras, e os perigos dos correios ordinarios, depois que chegarem a Roma os despachos, que agora se expedem. Em cuja consideração deve V. Ill.ma despachar expressos que sejam de provada confiança, tendo por certo que até estes se compram hoje nas Côrtes da Europa, ao fim de entregarem e deixarem abrir, e copiar os despachos, como eu vi por clara experiencia, e é notorio. As cartas que trouxe o criado de V. Ill.ma Lucas Galardi, ficando elle em Barcellona, foram entregues a um correio hispanhol, que provavelmente as sacrificou á Côrte de Madrid. Com o que é necessario sobre esta materia a mais exacta vigilancia e a maior circumspecção.

Dentro em poucos dias mandará Sua Magestade despachar a V. Ill.ma outro expresso, com a Deducção, que exclue a immunidade neste horroroso insulto, e para servir, primeiro de officio, e depois de publico manifesto, no caso, em que insistam os Ministros do Papa, em não fallarem verdade a Sua Santidade e em darem a mão aos Religiosos Jesuitas. Deve porém fazer-se todo o possivel para não chegar o caso do dito manifesto. Se porém assim o quizerem os Ministros do Papa, verão bem claramente que Sua Magestade os soffreu por obsequio, e não por dependencia nas presentes circumstancias. A si se imputarão se virem a Dataria de Portugal fechada com muito maior causa do que foi o Cappello do Nuncio Bichi, que a teve ha tantos annos suspensa. Não terá já a de Hispanha para supprir a falta da nossa, e acabarão de entender, que em Sua Magestade são eguaes a summa veneração á Séde Apostolica, e o summo zêlo de sustentar a sua authoridade regia. O que me parece, que ainda não acabou de comprehender bem este Nuncio, que veio dos Suissos, nas conversações da baixa Côrte, em que anda mettido por um seu criado, que lhe faz crer tudo quanto quer: de sorte que entendo que informa muito mal a sua Côrte, porque não

lhe sobejando a comprehensão, se deixa persuadir do tal criado, que é tão illuminado e sincero, que se formou na Secretaria de Manoel Pereira de Sampaio.

Emfim, meu primo do meu coração, deseja Sua Magestade paz com todo o mundo: ha de apurar até os extremos a attenção com o Papa; e tem com tudo isto, por inalteravel principio, que cincoenta annos de guerra com qualquer das maiores potencias da Europa, lhe serão menos nocivos do que ver offendida a sua authoridade regia; e ter os Jesuitas nos seus Reinos e Dominios.

As diabruras dos taes Padres não deixam tempo livre. Por isso o não tive para participar a V. Ill.ma o ajuste do casamento de Thereza com Antonio de Sampaio, achando-se desde dia de entrudo recebidos. Ella e sua mãi fazem a V. Ill.ma os mais obsequiosos cumprimentos. Os mais sobrinhos lhe pedem a benção. Eu a dou a Henrique, rendendo infinitas graças a V. Ill.ma, pela bondade com que o tem favorecido; e offerecendo-me para tudo o que fôr do serviço e agrado de V. Ill.ma, com a maior e mais prompta vontade.

Deos guarde a V. Ill.ma muitos annos. Nossa Senhora da Ajuda, em 3 de Maio de 1759. Primo o mais fiel e captivo de V. Ill.ma.

SEBASTIÃO JOSÉ.

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES

23 a 31 Julho.

DIARIO N.º 173.

468 Estatistica da Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda no 1.º semestre de 1850.

Dita do Supremo Tribunal de Justiça no mez de Junho ultimo.

DIARIO N.º 174.

Portaria do modo como se hão de haver os agentes do Ministerio Publico com respeito á sustentação e vestuario dos prezos pobres.

Dita ordenando que o nickel em barra deve pagar por entrada o direito de 800 réis por arroba.

DITO N.º 176.

Carta de Lei fixando a despeza do Estado no anno economico de 1850 a 1851.

DITO N.º 177.

Carta de Lei estabelecendo um imposto especial e diversas providencias para a feitura e melhoramento das estradas.

Dita auctorisando a cobrança das contribuições e impostos, e mais rendimentos publicos.

Mappa da receita do Estado para o anno de 1850 a 1851.

DITO N.º 178.

Carta de Lei que estabelece as regras para expropriações por utilidade publica.

Outra mandando que se proceda á venda do edificio, machinas e mais pertenças da fabrica de papel da Villa de Alemquer.

Outra approvando o accordo celebrado entre os Caixas Geraes do Contracto do Tabaco e o Governo.

COLLEGIO DO PORTICO.

Fundado por Antonio Feliciano de Castilho.

469 Considerámos maduramente se não seria possivel, quanto á instrucção, fazer-se alguma coisa melhor do que geralmente se costuma em nossa terra, e achámos que sim; pelo menos no concernente ao agrado e á rapidez do ensino.

Procurámos se haveria para tal empreza homens com toda a especie de abonos moraes e intellectuaes. Acharam-se. Posto que altamente collocados alguns d'elles no magisterio publico, tão portuguez, tão social e tão nobre lhes pareceu o empenho, que nem um recusou o seu nome e os seus serviços de professor para este instituto.

Com tão poderosos auxiliares ter-se-hia desde logo posto peito á realisação de mais vasto projecto, a saber: a fundação de uma academia completa para a puericia e adolescencia, formada por associação de capitaes com edeficio de proposito feito; com escolas theoricas e praticas de todas as humanidades, de todas as sciencias, de tudo emfim quanto melhora e aperfeiçoa o entendimento, a vontade, a saude, a vida e a fortuna. Poder-se-hia conseguir? Talvez. Mas houve-se por mais prudente contentar por hora, com bons principios, ensaiar no pouco, amestrarmo-nos com o uso, grangear, por serviços reaes, credito e confiança das familias, e aguardar animosamente pelo futuro, que sobre bases taes não podia deixar de erguer-se estavel e brilhante.

Esperando por esse tempo, franqueâmos desde já aos meninos e adolescentes, sob o titulo de PORTICO (é em verdade um introito para todas as sciencias e profissões) um esmerado Collegio de educação civil e christã, de instrucção litteraria, artistica e, até certo ponto, scientifica, onde o desenvolvimento das forças e a saude serão havidos como pontos capitaes.

As materias que se ensinam no PORTICO, e que é livre a cada alumno ou acceitar todas ou escolher, são desde já:

Lêr — por um methodo novo, e o mais rapido de quantos se tem até ao presente experimentado.

Escrever — *Contar* — e todas as mais disciplinas exigidas pela lei, como preparatorios aos cursos da Universidade, das escolas Polytechnica, Medico-Cirurgica etc.; finalmente as artes de agrado, e, querendo-se, alguma coisa dos officios mecanicos que muitas vezes nos imprevistos naufragios da fortuna são a unica taboa de salvação.

A inspecção moral e a instrucção religiosa serão confiadas a um sacerdote exemplar; e a policia interna, diurna e nocturna, a perfeitos escrupulosamente escolhidos.

Dos differentes ramos de ensino encarregam-se professores de incontestaveis habilitações. Os methodos e

o systema geral que os deve necessariamente harmonisar serão estabelecidos pelo concurso geral dos professores, e por elles mesmos irão sendo, segundo a experiencia o aconselhe, modificados, reformados ou substituidos.

Aos paes ou quaesquer outros protectores naturaes dos alumnos, estão sempre francas as portas do estabelecimento.

No fim de cada mez se lhes remetterá uma informação circunstanciada, do adiantamento e comportamento dos seus respectivos protegidos.

O anno lectivo terminará por actos publicos e destribuição de premios, a que se procurará dar a maior solemnidade.

Todos os artigos de economia e disciplina da casa, serão consignados n'um regimento impresso, de que se dará um exemplar á familia de cada alumno e outro a elle.

CONDIÇÕES.

Os alumnos dividem-se em internos, hospedes e externos. A instrucção é cummum para todos. Os hospedes tem além da instrucção o jantar; os internos todo o alimento, habitação e luz; todos os mais artigos de vestido, roupas, cama de ferro, lavatorio completo, talher, loiça, pentes, tesoiras, escovas, e mais miudesas serão remettidos pelas familias, e lhes pertencerão, bem como os livros.

PREÇOS MENSAES PAGOS ADIANTADAMENTE.

Internos, por instrucção primaria	10$000
Ditos, por instrucção secundaria.....	12$000
Hospedes por instrucção primaria	6$000
Ditos, por instrucção secundaria.....	8$000
Externos por instrucção primaria.....	1$440
Ditos, por instrucção secundario.....	2$400

As artes de agrado serão pagas fóra parte.

Os internos, nas suas doenças leves, serão tratados á custa do Collegio; — nas graves, em casa de seus Paes.

O logar onde hade ser estabelecido o PORTICO, será annunciado em tempo conveniente.

As pessoas que desejarem mais circumstanciadas informações, podem dirigir-se por escripto ou presencialmente ao fundador — Rua direita do Collegio dos Nobres n.º 59, 1.º andar.

Abertura do PORTICO no primeiro de Outubro do corrente anno de 1850.

RESPOSTA PROVISORIA Á EPISTOLOGRAPHIA THEATRAL DO SR. VICENTE CORRADINI.

Artigo da Revista Universal; artigo cheio de falsidades, em que se pertende vêr que o branco é preto, e o preto branco.

.....

Depois da minha entrada tendo eu procurado desempenhar as minhas obrigações para com o publico... acreditei por tal modo o theatro...

Podem comtudo ficar na certeza que eu não impedirei de fórma alguma... que os ditos cavalheiros sejam emprezarios.

.....

Não tive nem tenho idéa de ficar com a empreza; pelo contrario, se tenho algum interesse, é que ella passe a um novo emprezario.

.....

Tambem não deixo de ser emprezario porque esteja descontente com o publico, bem pelo contrario; este foi sempre meu protector.

.....

Se porém é verdade que o Governo esteja disposto a fazer algumas concessões, neuhuma difficuldade teria de ser emprezario.

Declaro que se houvesse outras vantagens, não só teria concorrido, mas hoje mesmo, não teria nenhuma difficuldade em concorrer.

Verdades do Sr. Vicente extrahidas das suas epistolas.

470 Agora ahi vão as *falsidades* da Revista, as quaes se referem a quasi tres annos.

—

« O theatro de S. Carlos está ha muito dando um tristissimo exemplo da independencia em que o pozeram da inspecção illustrada de uma corporação litteraria.

(Revista n.º 6, de 13 de Janeiro de 1848).

Do theatro de S. Carlos, pobre tonto, por hoje só diremos, que talvez acabasse a profunda somnolencia administrativa, ao estrepido de um escandalo que toda a imprensa tem stygmatisado. Deus o queira: se não fosse isto dar-nos-hiam algum dia uma corrida de touros, e ouviriamos os vendedores de agua a substituir pelo seu pregão a voz da Sr.ª Olivier, ou da Sr.ª Patriossi.

(Revista n.º 7, do 20 de Janeiro de 1848).

O estado vergonhoso, a que chegou o theatro de S. Carlos, é já um assumpto que não póde deixar de reclamar séria attenção da imprensa.

A repetição do Atilla foi mais uma prova, entre muitas, de quanto é mister não só examinar a applicação do subsidio de vinte e quatro contos de réis; mas tambem acabar com o abuso que se está fazendo da benevolencia do publico, apresentando-lhe espectaculos, que, pelo modo como são postos em scena, bem como pelas partes que o desempenham, são unicamente imprudentes provocações para estrondosas e justificadas pateadas.

Que dirão os estrangeiros vendo como em Portugal se está entendendo o que é um theatro lyrico!

A falta de espaço e variedade das materias, vedam-nos de hoje censurarmos mais detidamente as causas destes grandes abusos, mas não deixaremos de o fazer proximamente.

No entanto parece-nos, que as côrtes, além das condições tristes do paiz, devem tambem attender, que a concessão do subsidio não póde dar o resultado desejado, sem que haja fiscalisação na sua applicação, e grave responsabilidade da parte de quem se aproveita desse poderoso auxilio.

(Revista n.º 11, de 17 de Fevereiro de 1848).

— N. B. Artigo que se refere á celebre prohibição das pateadas com que o publico applaudiu a empreza! —

Em consequencia do que ultimamente se tem passado nestre theatro, e para rigorosamente observar-

mos o plano do nosso jornal, declaramos que não escreveremos cousa alguma ácerca delle em quanto julgarmos que o não devemos fazer.

Em virtude desta resolução, mandámos desmanchar o artigo, que já estava composto e retirado por duas vezes, ácerca da dança — Branca Flor.

(Revista n.º 12, de 24 de Fevereiro de 1848).

A dança que a empreza escolheu para estes dias foi a maior peça de entrudo, que se tem pregado aos frequentadores do theatro de S. Carlos.

(Revista n.º 13, de 2 de Março de 1848).

Infelizmente o theatro de S. Carlos tem estado em quadra desgraçada; são tantas as causas que affastam o publico de o frequentar, que, apesar do illustre artista haver cedido o producto da sua primeira recita em beneficio do Asylo da Mendicidade; e apesar do nosso insigne pianista, o Sr. Manuel Innocencio, se haver mui delicadamente offerecido para o acompanhar, a concorrencia era limitadissima.

(Revista n.º 15, de 16 de Março de 1848).

Quanto ao mais que ácerca do theatro poderiamos dizer, se fosse permittido incluir textos latinos em artigos deste genero, talvez viesse a proposito applicar á empreza do theatro as palavras de Cicero, que a Imprensa Nacional tem popularisado nas *Provas* da letra que vende na sua fundição.

(Revista n.º 17, de 30 de Março de 1848).

O anno theatral vae acabando tão insipido como principiou. Os apregoadores do incançavel zelo da empreza, dos seus esforços, nunca vistos e tantas vezes repetidos, já nem sequer nos alegram com o ledo engano dessa *prima donna* que havia de fazer descançar a invalida garganta da Sr.ª Bovay. — Paciencia! — Nem a illusão nos resta.

Houve estes dias uma dança nova, chamada a Nympha Napêa. Ainda ninguem viu o folheto, ou argumento de similhante dança: o que não admira porque a economia, como claramente se vê, é o forte da empreza.

A dança é uma fraca composição do Sr. Vianna, o qual é tão mediocre compositor como insigne dançarino. Nem todos são para tudo. A vista nova, para uma dança, era severa de mais e pouco apparatosa.

Se não estivesse annunciada nos cartazes não se daria por tal.

O vestuario pareceu-nos mesquinho.

(Revista n.º 22, de 4 de Maio de 1848).

O que mais vezes temos ouvido ponderar em favor do theatro de S. Carlos, são os centos de pessoas nacionaes que sustenta. Ora chega a ser ridiculo apresentar este argumento na presença das provas que a empreza nos deu ainda na epocha finda, daquella progressiva economia, que depois de haver supprimido as *primeiras partes*, ía, quasi que diariamente, tirando da scena um corista e um comparsa, pensando que o publico deixaria de conhecer o estratagema, em quanto não ficasse só um par de cada classe.

Tivemos um theatro lyrico como se fossemos a primeira nação da Europa, e depois qualquer aldêa da Italia nos levará a palma.

Ainda que pelos motivos, que ficam expostos, não estejamos de accordo com o que vae regular esta materia, ainda nos parece que haveria alguns meios de evitar que o theatro de S. Carlos comece a sua nova epocha tão vergonhosamente como findou a do anno corrente, e que o theatro portuguez saia desse espasmo em que está definhando com bastante desdoiro nosso.

(Revista n.º 31, de 6 de Julho de 1848).

No dia 22 começou a nova epocha theatral.

O começo não foi muito feliz, mas em quanto não virmos a estrêa dos artistas que faltam, julgamos não dever enunciar a nossa opinião sobre a epocha que vae correr.

A opera *Strozzi* é alguma coisa desegual; mas tem partes de muito merito.

A Sr.ª Secci Corsi é uma cantora como as que temos tido ultimamente, já cançada e de segunda ordem. A sua estrêa no nosso theatro assim a conceitua.

O Sr. Zucchini, baritono, não agradou.

(Revista n.º 47, de 26 de Outubro de 1848).

Se na epocha passada tivesse escripturado cantores desta ordem não a teriamos censurado como tantas vezes fizemos. A empreza do theatro de S. Carlos ha de se desenganar, que promove os proprios interesses quando escriptura uma boa companhia, e faz subir as operas e danças á scena sem mesquinharia.

(Revista n.º 48, de 2 de Novembro de 1848).

O *Atila* não sahe do palco de S Carlos', para onde constantemente o chamam os applausos dos espectadores. A *Sapho* saltou por tal modo que, se volta á scena, é para expirar de todo, recebendo as honras funebres de uma pateada.

(Revista n.º 2, de 16 de Novembro de 1848).

Temos visto com satisfação que a empreza do Theatro de S. Carlos tem, na presente estação, feito verdadeiros esforços para agradar ao publico, e desejaremos poder continuar a louval-a por este seu proceder, que, não se alterando, lhe ha de fazer voltar novamente as sympathias que nas ultimas *epochas* a tinham desamparado.

(Revista n.º 5, de 7 de Dezembro de 1848).

Em S. Carlos os *Lombardos* voltaram á scena. A Sr.ª Gresti e os Sr.ᵉ Baldanza e Benedetti cantaram bem, e foram muito applaudidos.

O scenario já não está proprio da opera, e os coristas vinham mal vestidos no sentido mais lato desta palavra.

(Revista n.º 6, de 14 de Dezembro de 1848).

Em S. Carlos voltou á scena a *Lucia*, a grande obra de Donizetti. Foi mal cantada, e o que mais admirou até pelo Sr. Volpini. A scena do cemiterio, com o que substituiram o esplendido castello de outr'ora, pareceu symbolisar o enterro desta grande opera no palco do nosso theatro.

(Revista n.º 7, de 21 de Dezembro de 1848).

D. Pascoal voltou á scena. A Sr.ª Corsi fez-nos ter saudades da Sr.ª Ranzi! A propriedade e graça com que o Sr. Zuchini desempenha o papel de D. Pascoal, arredou, por em quanto, a pateada que por vezes a esteve ameaçando.

(Revista n.º 9, de 4 de Janeiro de 1849).

Em S. Carlos apenas tivemos a velha novidade do *Barbeiro*. A opera correu soffrivel. A Sr.ª Secci-Corsi cantou com applauso, em máu francez, um breve romance que agradou. *Os tres corcovados* nasceram e morreram ao som de uma estrepitosa e bem merecida

pateada. São o requinte da semsaboria. O tal coréographo, que a empreza escripturou para esta epocha, que por nome não perca, podia bem procurar outra vida, que para compor danças o não fadou a Providencia.

(Revista n.° 14, de 8 do Fevereiro de 1849).

A empreza tem satisfatoriamente cumprido o seu dever, e o publico premeia com concorrencia repetida esses seus esforços, que, por seu interesse, não deve deixar de continuar.

(Revista n.° 19, de 15 de Março de 1849).

Lamentamos as pateadas que tem havido no theatro de S. Carlos, e no de D. Maria II; mas não queremos que se negue esse direito ao publico, mormente quando lhe assiste a incontestavel razão de reprovar o proceder de ambas as emprezas. Os que não olham senão para o seu interesse, respondem ás demonstrações da reprovação publica, com a banalidade, tantas vezes repetida, de que não se obriga ninguem a ir ao theatro, e querem que o silencio reine na platéa deserta, ou que os ouvidos e o gosto se rendam á necessidade immutavel de applaudir ou calar.

Sentimos muito que os espectaculos publicos não corram placidamente, e censuramos que a pateada, ainda que merecida, se transforme em motim; mas queremos que se attenda, a que o pouco valor das vozes da maioria dos cantores de S. Carlos, as desafinações com que quasi todas as noites se revoltam contra a harmonia — a pobreza e insipidez das danças, não podem provocar applausos, sobretudo quando todas estas coisas se passam no meio do mais velho e sujo scenario da Europa.

O facto é que estes dois theatros se queixam do publico porque os não frequenta: mas a verdade é que a frequencia ainda é muita para o que merecem: — falta só que se queixem do publico que reprova os seus erros, e falta de intelligencia; e se o tencionam fazer, talvez, que, ao pedirem o tão desejado subsidio, peçam tambem uma lei que prohiba as pateadas; mas será bom que juntamente solicitem um recrutamento, não sorteado, mas forçado, de espectadores; — assim a contribuição que o povo paga para os *senhores da scena*, ficará mais definida e directa, e um novo Macedo poderá cantar o reino da preguiça.

(REVISTA n.° 11 de 20 de Dezembro de 1849.)

A épocha passada tivemos o gosto de quasi sempre elogiar a empreza deste theatro, porque a vimos andar por bom caminho. — Na presente épocha agoiramos-lhe muito máu futuro se não tratar quanto antes de organisar a companhia com *partes*, que, em logar, de se reduzirem á pertenção de satisfazerem a certas condições de um contracto, possam apparecer ante um publico intelligente.

Todas as estrêas desta épocha tem sido desgraçadas.

Na presença destas apreciações justissimas, perguntaremos á empreza — se ella julga satisfazer, com taes artistas, — não dizemos, as condições do seu contracto para com o Governo — mas a obrigação, em que está para com os seus assignantes, que teem direito a uma épocha theatral, que seja digna de uma cidade como Lisboa.

Devemos fazer justiça ao publico, declarando que — elle, todos os dias, tem avaliado devidamente os *debutantes*, pateando-os sempre.

(REVISTA n.° 12 de 27 de Dezembro de 1849.)

A nova opera *D. Bucephalo* é vulgar. O novo baixo é de mediano merito. Os insipidos bailados foram, na terça feira, pateados a ponto, de que até os saltos da Sr.ª *King* se não salvaram do naufragio de toda aquella desordem dançante.

A empreza não deve perder tempo em melhorar, quanto antes, a organisação do theatro.»

(REVISTA n.° 13 de 3 de Janeiro de 1850.)

VINHOS DO PORTO.

471 O *Nacional* de 23 noticia uma venda de 150 pipas, feita pelo Sr. Bernardo Pereira Leitão — parecendo que o preço regulára de 80$000 a 100$000 réis a pipa.

É sabido que as noticias de Londres tem sido favoraveis ao preço do genero.

NOVA ESTRELLA.

472 D. Genaro Guillen e Calomarde, conego da Sé de Sevilha, dirigiu aos jornaes de Madrid a seguinte communicação, que transcrevemos com a devida reserva.

«Occupado em meus estudos astronomicos em o meu modesto observatorio, segundo tenho por costume, descobri ha dias, não sem admiração, uma nova estrella telescopica entre a *polar* e a *Cynosura*, que segundo penso vem a estar situada em o nascimento da cauda da *Ursa menor;* estrella que por certo alli não existia em outubro do anno anterior em que registrei mui cuidadosamente todas as immediações do pólo.

Posto que me occorreu a idéa de ser ella a mesma estrella que observou Arzachel em Toledo em 1109, a qual desappareceu, segundo o mesmo observador, aos tres annos e alguns dias de sua apparição, se as suas observações foram exactas, não póde ser a mesma, visto que elle a contemplou situada no centro da referida constellação, e por conseguinte mais immediata á Cynosura do que ao pólo, quando esta pelo contrario está mais proxima ao pólo.

Tambem me pareceu observar nella certo crescimento progressivo, que se continuar, é provavel que dentro de alguns mezes se reconheça com a simples vista; phenomeno que até agora não consta: e que se se confirmar, será motivo de serias reflexões para os sabios.

Como é de esperar que não tardem a publicar-se as observações de outros astronomos nacionaes e estrangeiros sobre esta nova estrella e o phenomeno, que a acompanha, se me não engano, rogo a V. queira inserir estas linhas no seu jornal, por quanto sentiria eu muito perder a honra de ter sido o primeiro que a deu a conhecer, já que fui o primeiro que provavelmente teve a gloria de descubril-a.»

LOLA MONTES EM CAMPO.

473 A celebre Lola Montes, de quem ha muito

não se fallava, anda não obstante isso fazendo sortes por esse mundo, como se vê da seguinte aventura que refere o *Bulletim* de Paris do dia 13.

«Antes de hontem occorreu uma das mais ruidosas peripecias no tranquillo bairro do palacio Beaujon. A famosa Lola Montes havia alugado por 15 annos uma casa magnifica, propriedade do Sr. Rozas, preparando-a com um luxo extraordinario: alcatifas da Turquia de mui subido preço adornavam as camaras durante o inverno, havendo juntamente comprado mobilia mui rara a um armador, que seduzido pela riqueza da romantica aventureira, não tivera duvida em lhe fiar todo aquelle apparato, a prazo de seis mezes. Antes de hontem, dia do vencimento, apresentou-se o credor, mas a heroina rogou-lhe espera até o fim da semana, pretextando a ausencia de seu marido, que se esquecera de lhe deixar o dinheiro necessario. No entanto a Sr.ª condessa de Lansfeld fazia os seus preparativos de viagem, e de certo que para obter os recursos para a jornada teria vendido todos os moveis se o tapeceiro opportunamente avisado não comparecesse a tempo, isto na occasião em que a inquilina acabava de abrir o improvisado leilão. Difficil é pintar a scena escandalosa que então se armou: basta referir que foi precisa a intervenção da policia; e correndo a nova da projectada fuga, acudiram como nuvem de mosquitos, todos os credores da condessa, entre elles o distincto pintor, Mr. Jacquand, que reclamava a importancia de alguns retratos que fizera para a fastosa dançarina. — Colhida esta em meio das suas disposições de fuga diplomatica, longe de desatinar, declarou que estava prompta a pagar, e que seu marido acabava de enviar-lhe o dinheiro preciso, mas que tendo-se-lhe desencaminhado a chave do cofre, pedia aos credores esperassem por breve espaço, em quanto se chamava o serralheiro; mas fartaram-se de esperar, porque nem este nem a devedora appareceram. — Lola Montes se mettêra n'um coche que tinha de sobre-aviso na avenida de Chateaubriand, junto á barreira de l'Etoile, e sumiu-se como os phantasmas, sem que até agora se tenha podido averiguar que novo rumo tomou a famigerada cosmopolita.

TRISTES RECORDAÇÕES.

474 Os dominios hispanhoes occuparam antigamente uma oitava parte do mundo então conhecido. Nelles jámais se punha o sol, comprehendiam *oitocentas mil leguas quadradas* de superficie e o censo da população era de *sessenta milhões* de habitantes.

De tanta riqueza e poder perderam mais de duas terças partes no decurso de dois seculos, como póde vêr-se pela seguinte curiosa tabella.

Em 1565 foi cedida Malta á ordem de S. João de Jerusalem: depois a occupou a França, e por ultimo os inglezes.

Em 1620 encorporou Luiz XIII na França a baixa Navarra e o Bearnais.

Em 1649 reconheceu o governo hispanhol a conquista que o mesmo rei fez do Roussillon.

Em 1640 emancipou-se Portugal com todas as suas possessões ultramarinas.

Já em 1581 começou a Hispanha a perder os Paizes-Baixos:

Em 1648 acabaram de tornar-se independentes estas provincias.

Os inglezes occuparam as possessões seguintes:

Em 1626 a ilha Barbada.

Em 1655 a Jamaica.

Em 1704 a praça de Gibraltar.

Em 1718 as ilhas Lucayas.

Em 1759 a Dominica.

Em 1797 a Trinidad.

Em 1635 os francezes se apossaram da Martinica.

Em 1650 fizeram-se senhores da Grenade, e

Em 1685 da Guadalupe.

Em 1697 repartiu-se com a França a ilha de S. Domingos.

Em 1821 perdeu a Hispanha a metade que conservava da mesma ilha.

Em 1790 abandonou a praça de Oran por causa de um terremoto.

Em 1791 cedeu os direitos de Oran e de Mazalquivir ao imperador de Marrocos.

Em 1713 tinha cedido a Sardenha ao duque de Saboya.

Parma, Placencia, Lucca e mais paizes do norte da Italia foram cedidos a principes da familia reinante.

Em 1759 emancipou-se Napoles juntamente com a Sicilia.

Em 1800 foi cedida á França a Luiziana, e

Em 1819 as Floridas aos anglo-americanos.

O vastissimo continente americano se foi successivamente emancipando desde 1816 até 1824.

Tal é o triste quadro da grandeza hispanhola.

AVENTURA DE MADAME SANGES.

475. Escrevem da Corunha em data de 14 do corrente:

«Em a noite de segunda feira 12, tivemos a satisfação de vêr entrar a intrepida aeronauta, que effectuou a sua ascenção aerostatica e foi cahir daqui cinco leguas, uma adiante de Betanzos, sendo feliz na descida. Mas não o foi ao tomar terra, por quanto se viu acommettida de um tropel de labregos, que lhe rasgaram o balão, lhe subtrahiram alguns objectos que levava, e a teriam maltratado se ella não se defendesse, e um dos aggressores não conhecesse o mal que praticavam. Tão reprehensiveis actos aconteceram na freguezia de Teas, segundo se diz, que por desgraça é a mais rustica do paiz. Estes successos, conformes aos acontecidos a Mr. Arban e a outros na Catalunha, Valencia, Andaluzia e mais partes, nos provam uma de duas, ou ambas as coisas simultaneamente; o atrazamento dos povos das montanhas, e certo plano dextramente combinado para trazer a terreiro os horrores dos tempos de Torquemada sob pretexto de impiedade, bruxaria e sortilegios. Digo isto, por quanto corre voz de que um cura capitaneava aquelles labregos fazendo-lhes entender que o balão era coisa do diabo, etc.

«Parece que o governador civil mandou chamar a esta capital os membros do *ayuntamiento* a quem per-

tence a localidade onde aconteceu o lance, e que imporá aos moradores a pena de pagar as perdas e damnos que causaram a Madame Sanges, entregando depois os réos aos tribunaes.

«Em conclusão, repito, que a ascenção e descida foram muito felizes, e que ao recolher-se á Corunha esta intrepida mulher se lhe deu uma serenata, inspirando vivo interesse a todos os habitantes.

INNUNDAÇÃO DE VIAJANTES.

476 No dia 4 do corrente entraram em Londres, nada menos de 1,400 parisienses que iam de passeio á capital britannica. É o resultado da recentissima facilidade e baratesa de communicações entre os dois lados do canal. Chegaram todos juntos á estação do caminho de ferro de sueste em London-Bridge. Requisitaram-se todas as carruagens e meios de transporte daquelles arredores, e como não houvesse bastantes alugaram-se omnibus para conduzir os *toristas* (passeadores) parisienses a Leicester-Square. Esta numerosa caravana e as exterioridades da gente que a compunha, pela maior parte operarios vestidos com *blouses* e de barbas crescidas, excitavam a curiosidade publica.

ERROS TYPOGRAPHICOS.

477 Ha destemperos que são como a molestia das bexigas, por toda a parte grassam, em toda a parte se commettem. Não ha typographia no mundo isempta totalmente do que poderemos chamar peccado original dos compositores e revisores. Lemos ha poucos dias n'um jornal de Madrid que outros da mesma capital, annunciavam a *Philosophia eclectica*, obra recente de D. Thomaz Garcia Luna, deste modo: *Philosophia ecclesiastica e Philosophia electrica*. Não sabemos do merito calligraphico do Sr. Luna; mas por descargo de consciencia, diremos que ha letra de auctores que o mais perito paleographo não decifraria.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 28 de Agosto.

478 Fundos publicos de 5 por cento, 49. — Acções do Banco de Portugal, 378$000 rs. — Desconto de Notas a 240.

Estado do mercado em 28 de agosto.

Algodão de Pernambuco 125 a 130 rs. — Dito do Maranhão 125 a 130 rs. — Dito da Bahia 120 a 125 rs. — Pará 120 a 125 rs. — Tem havido vendas.

Assucar de Pernambuco B. de 1.ª e 2.ª sorte, 1$500 a 1$650 rs., dito de 3.ª e 4.ª dita, 1$400 a 1$450 rs., dito de 5.ª e 6.ª dita 1$200 a 1$350 rs. — Do Rio dito ha falta. — Da Bahia dito 1$300 a 1$450 rs. — Das Alagôas dito 1$250 a 1$275 rs. — Do Pará, bruto 950 a 1$050 rs. — Mascavado superior 1$150 a 1$200 rs., dito inferior 950 a 1$050 rs. — As vendas limitão-se para o consumo. Ha falta do de primeira qualidade superior, que é procurada.

Cacáu 1$600 a 1$650 rs. — Realisou-se uma pequena venda para reexportar, sendo mui pouco procurado.

Caffé do Rio. — 1.ª sorte, 2$600. a 2$700 — 2.ª dita 2$200 a 2$300 rs. — 3.ª dita 2$000 a 2$100 rs. — Pequenas vendas para o consumo. O deposito é diminuto.

Cêra de Angola B. 255 a 260 rs. — Dita a A. 225 a 230 rs. — Poucas vendas.

Marfim de lei 1$050 a 1$200 rs. — Dito meão 850 a 950 rs. — Dito escravelho 550 a 750 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Urzella 7$000 a 7$200 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

BIBLIOGRAPHIA.

479 COMPENDIO DE CHOROGRAPHIA PORTUGUEZA, para uso das aulas de instrucção primaria e secundaria, por João Felix Pereira, professor de geographia, chronologia e historia no Lyceo Nacional de Lisboa.

Acha-se á venda sómente na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.º 8. Preço 240.

—

REVISTA DEL MEDIODIA, periodico quincenal, escrito en español y portugues, por distinguidos literatos de Madrid y Lisboa, bajo la direccion de *D. Luiz Rivera*. — Contendrá: — Revista cientifica, Economica, Social, De los tribunales, Religiosa, Militar, Literaria, De costumbres, Artistica, De los teatros de Madrid y Lisboa, De los folletines, Modas, Viajes, Escenas españolas, etc.

Condiciones de suscricion. — La *Revista del Mediodia* saldrá á luz en Lisboa, los dias 15 y 30 de cada mes. Constará cada número de dos pliegos de escelente impresion.

Precio — En España por un mes, 6 reales vellon. — En Portugal, 200 réis. — En Ultramar, por 6, 40 reales vellon.

El pago de la suscricion se hará al recibirse el primer número.

Se suscribe en Madrid, libreria de Monier, carrera de S. Gerónimo. — En las provincias, en las principales librerias. — En Lisboa, calle Augusta, n. 1 y 8. — En Coimbra, redaccion del Observador. — Oporto, redaccion del Eco Popular.

EXPEDIENTE.

— Recebemos o n.º 7 do 5.º anno, da excellente e bella publicação hispanhola, *Memorial de Ingenieros*.

— Agradecemos ao *Nacional do Porto*, a menção honrosa que fez da REVISTA, no principio do seu util artigo, ácerca da Agricultura começado em o n.º 186.

— Recebemos uma carta do Sr. Jeronimo Morazzi, a qual vimos no dia seguinte publicada em um jornal desta cidade, sem que da nossa parte houvesse recusa da sua publicação. Esta falta de cortezia usada em taes casos nos auctorisa a não a querermos publicar.